

associação dos estudantes da faculdade de ciências de lisboa Abril de 74

ELEIÇÕES EM CIÊNCIAS

A existência de eleições para as Associações de Estudantes é um hábito já com bastantes anos. Antes, elas só significavam a eleição de um ou mais senhores que geriam os assuntos burocráticos da Associação, tratavam das verbas e do bom estado das instalações e naturalmente que a maioria dos estudantes se desinteressava dessa eleição feita em geral por um grupo de amigos.

Agora as eleições para a Associação despiram já todo esse significado antigo e são entendidas como um abrandar do trabalho associativo (que agora sim existe e abrange a maioria dos estudantes) para com base na experiência tida, se definir as linhas gerais como deverá prosseguir, corrigindo para isso os erros cometidos. Porque se uma teoria, uma orientação associativa, é correcta quando se devidamente aplicada à prática dá resultados positivos, deve ver-se neste período se no geral a orientação traçada se revelou correcta e que erros foram cometidos na sua aplicação.

A NOSSA EXPERIÊNCIA...

Nos liceus, os professores diziam-nos: "na Universidade tem de se ser responsável porque não há pontos, nem chamadas orais, nem faltas de presença nas teóricas, nem faltas de castigo nem livros únicos"... enfim, nós devíamos "por gravata", prepararmo-nos para entrar na escola dos "homenzinhos". E, com grande relevo, falavam nas boas relações entre professores e alunos que a Universidade permitia... unicamente maculadas por alguns descontentes, constantemente ocupados com a agitação - uma meia duzia a que nunca deveríamos dar ouvidos!

Há mais ou menos anos, com uma ou outra variante, fomos todos nós martelados com estas ideias.

Por outro lado ouvíamos falar em estudantes presos, em escolas em greve por decisão de reuniões com grande participação. E imaginávamos a Universidade como um local diferente de todos os que conhecíamos e frequentávamos; era, de algum modo, um enigma que se nos apresentava.

Agora, quer sejam passados anos ou meses após a nossa entrada na Faculdade, nós já não temoas dúvidas! (entendam-se estas dúvidas não como de cálculo ou de bactérias, mas de quais são afinal as diferenças entre o liceu e a universidade, entre a universidade e a sociedade em que está inserida). Porque, no nosso pelo assentou já parte da máquina de formar os tais "homenzinhos responsáveis" (os tais de que tanto nos falavam os professores, principalmenete os demoral):

REUNIÃO
GERAL de
ALUNOS

TERÇA-FEIRA

11 h

Sala - A

ELEIÇÕES EM CIÊNCIAS

A existência de eleições para as Associações de Estudantes é um hábito já com bastantes anos. Antes, elas só significavam a eleição de um ou mais senhores que geriam os assuntos burocráticos da Associação, tratavam das verbas e do bom estado das instalações e naturalmente que a maioria dos estudantes se desinteressava dessa eleição feita em geral por um grupo de amigos.

Agora as eleições para a Associação despiram já todo esse significado antigo e são entendidas como um abrandar do trabalho associativo (que agora sim existe e abrange a maioria dos estudantes) para com base na experiência tida, se definir as linhas gerais como deverá prosseguir, corrigindo para isso os erros cometidos. Porque se uma teoria, uma orientação associativa, é correcta quando se devidamente aplicada à prática dá resultados positivos, deve ver-se neste período se no geral a orientação traçada se revelou correcta e que erros foram cometidos na sua aplicação.

A NOSSA EXPERIÊNCIA...

Nos liceus, os professores diziam-nos: "na Universidade tem de se ser responsável porque não há pontos, nem chamadas orais, nem faltas de presença nas teóricas, nem faltas de castigo nem livros únicos"... enfim, nós devíamos "por gravata", prepararmo-nos para entrar na escola dos "homenzinhos". E, com grande relevo, falavam nas boas relações entre professores e alunos que a Universidade permitia ... unicamente maculadas por alguns descontentes, constantemente ocupados com a agitação - uma meia duzia a que nunca deveríamos dar ouvidos!

Há mais ou menos anos, com uma ou outra variante, fomos todos nós martelados com estas ideias.

Por outro lado ouvíamos falar em estudantes presos, em escolas em greve por decisão de reuniões com grande participação. E imaginávamos a Universidade como um local diferente de todos os que conhecíamos e frequentávamos; era, de algum modo, um enigma que se nos apresentava.

Agora, quer sejam passados anos ou meses após a nossa entrada na Faculdade, nós já não temoas dúvidas! (entendam-se estas dúvidas não como de cálculo ou de bactérias, mas de quais são afinal as diferenças entre o liceu e a universidade, entre a universidade e a sociedade em que está inserida). Porque, no nosso pelo assentou já parte da máquina de formar os tais "homenzinhos responsáveis" (os tais de que tanto nos falavam os professores, principalmenete os demoral):

REUNIÃO
GERAL de
ALUNOS

TERÇA-FEIRA

11 h

Sala - A

- Foram os "roles" de livros "interessantes" para consulta, muito úteis para nos reter em bibliotecas tardes e mais manhãs, até percebermos um teorema, abstrato mas... muito necessário à compreensão do que vem a seguir...

E os professores estão à disposição... o que não se der nas aulas teóricas nem nas práticas, pois dá-se nas de dúvidas (que têm de servir para alguma coisa)... e há a impressão do professor que, claro está, conta para a nota.

- Os professores, já não empunham a caderneta com os retratos... deixaram de o fazer e passaram a agitar os programas mínimos e os "benéficos" testes eliminatórios. Aliás esta questão dos testes tem muito que se lhe diga: tal como tentaram fazer em Álgebra Linear de Química e Física no ano de entrada da reforma, no 1º ano de Engenharia estão agora, subrepticiamente, a pretender introduzi-los obrigatórios (em Mecânica Física I); outras cadeiras há, em que (como eles ajudavam muita gente a dispensar de exame) os professores dizem que não os fazem porque, vejam só, descobriram que a matéria é um todo indivisível !!! (como em Introdução à Geometria diferencial, 2º ano de Matemática).

Com uma preocupação constante de reformar o ensino, quer adaptando o conteúdo das cadeiras às necessidades dos nossos futuros patrões, quer aumentando unicamente a matéria (há cadeiras semestrais em que se dá mais matéria que antes na anual correspondente), quer ainda aperfeiçoando o esquema de selecção, pretendem os professores, os CEs e o Governo que nós não pensemos em mais nada do que as teorias que nos despejam (e se estas não chegarem, vai mais meio litro !...). Isto é bem o que eles pretendiam.

Mas a realidade que se lhes apresenta é bem outra. Cada vez mais nós estudantes, nos debruçamos sobre quais as funções que nos esperam, sobre quem deveremos servir. Cada vez mais, nós nos recusamos a aceitar as viseiras que nos pretendem colocar, estendemos o nosso olhar sobre as lutas que se travam na sociedade em que vivemos e lutamos integrados na irreversível corrente histórica que transformará esta sociedade numa outra em que a Universidade será uma local a que terão acesso os trabalhadores e os seus filhos e onde a ciência não será vista como um modo de ascensão pessoal dos que a ela têm acesso mas como um instrumento ao serviço da melhoria das condições de vida do povo.

E a meia dúzia existe de facto. Só que ela não é constituída pelos descontentes, mas sim pelos contentes. São uma meia dúzia os estudantes que apoiam esta universidade e este ensino, que querem ajudar a perpetuar a ordem social existente desde que isso lhes possa (a eles também) encher a barriga. Todos nós os conhecemos, mais ou menos bem (alguns há que tentam não se mostrar, como os da frente universitária, certos como estão de que fazerem-no lhes acarretava problemas, não com o governo mas com a maioria dos estudantes...). São os conscientemente furam as decisões por nós tomadas democraticamente; são os que tentam boicotar a resolução colectiva dos problemas e praticam a manteiguice para resolver os seus problemazinhos.

Nós não aceitámos tornar-nos carneiros amestrados. Nem as inovações da reforma, nem as ameaças de suspensões, nem as entradas da policia na escola, nem a permanencia dos gorilas, nem o encerramento das instalações associativas conseguiram, nem conseguirão que nós o admitissemos. Como já o vêm fazendo, cada vez com maior intensidade, os nossos colegas do ensino secundário, nós temo-nos empenhado, em cada situação, consoante a medida das nossas forças, em resolver colectivamente os nossos problemas impondo na prática o nosso direito de discussão e reunião; temos mantido uma informação correcta dentro da Faculdade, contra a censura do governo; temos apoiado os nossos colegas em luta.

Soubemos ver que só com a participação de cada vez mais malta no trabalho, a continuação e o avanço desse mesmo trabalho (por impedir a individualização e a identificação) é possível - por isso preocupamo-nos constantemente em alargar as Comissões de Curso.

COMO ENTENDER, ENTÃO, AS ELEIÇÕES

Sempre que nos debruçamos sobre o trabalho feito não o devemos fazer para, satisfeitos, o contemplarmos passivamente. Devemos antes fazê-lo para retirarmos à experiência os ensinamentos que ela nos deu e prosseguirmos correctamente na luta. É segundo esta ideia base que devemos eincarar também as eleições.

E defendermos que se faça eleições não significa, como alguns senhores querem fazer entender, que nós achamos que ao longo do ano, perante todas as questões que se nos ponham, nós não devemos discutir, como e para prosseguir. Não! Não é só durante o período eleitoral que se deve discutir, tal como não é só fora dele que se deve trabalhar. E também aqui a nossa experiência é exemplar.

O que nós defendemos é a necessidade, a correcção e a importância de (com base nos exemplos que nós deu a prática anterior, repetimos) vermos se a linha geral que seguimos é ou não justa, e, no caso de acharmos que ela o é, qual a concretização (actualização) que a situação da altura lhe exige.

Todos os anos acontecem coisas novas, todos os anos entram pessoas para a Faculdade. Por isso todos os anos se devem fazer eleições que definam a orientação geral que o trabalho deve ter.

Eleições não serão a discussão pela discussão, tão ao gosto de alguns "intelectuais"; nem a discussão para a confusão, tão ao gosto de alguns trapalhões. Serão a discussão para a acção, alargada a todos os estudantes.

QUEM DEVE CRITICAR; QUE CRITICAS DEVEM SER FEITAS;

Como Generalizar a Discussão a Toda a Gente

Com mais ou menos tempo de faculdade todos nós já vimos algum trabalho; todos temos uma opinião crítica sobre o que foi feito e sugestões sobre o que há a fazer.

Por isso a crítica à orientação que o trabalho seguiu, deverá ser feita por todos nós, quer tenhamos ou não participado activamente nesse trabalho.

Poderão surgir vários tipos de críticas. As comissões de curso têm críticas a fazer ao que foi feito, acham que houve algumas falhas, nomeadamente informativas, que no curso de Engenharia o trabalho foi extremamente reduzido, etc.; mas a nossa posição é que estes erros se devem a não termos sabido sempre aplicar a orientação aplicada no ano passado, a no início do ano, a estar um número reduzido de pessoas a trabalhar. Que, no geral, a orientação definida é justa provam-no o grande número de colegas que apareceram para trabalhar seguindo a justa palavra de ordem de lutar contra as identificações e o isolamento de alguns.

Mas poderá haver colegas (o que foram as últimas R.G.As mostram-nos que os há, de facto) que acham que o trabalho que foi feito é todo errado; que não têm críticas de pormenor a apresentar, mas põem em causa a correcção de tudo o que foi feito. Isto é um outro tipo de críticas que po-

TOMEMOS UMA POSIÇÃO COLECTIVA

Em relação às INSTALAÇÕES Associativas

A questão das instalações associativas, embora fazendo parte da ordem de trabalhos da última RGA, não chegou aí a ser tratada, visto que outros assuntos (principalmente o apoio aos estudantes presos e o problema da cantina), na altura prioritários, acabaram por ocupar toda a reunião.

Ficou então decidido que a sua discussão passaria para a RGA de amanhã.

Alguns colegas poderão, no entanto, perguntar: mas não é verdade que o problema de sala A está, na prática, resolvido e sendo assim, será necessário tomarmos na RGA alguma decisão acerca das instalações?

A verdade é que o problema não está resolvido. A cada momento para o desenvolvimento do trabalho associativo sentamos a necessidade de instalações e temos até (com a sala A) a experiência do contributo que nos pode trazer a sua existência para nossa ocupação permanente - pela facilidade de termos um local de reunião, pela existência regular de bancas de livros, textos e sebatas, pela possibilidade de um maior convívio entre nós, etc.

Por outro lado cada vez se torna mais clara aos nossos olhos a actualização das autoridades. São os encerramentos e assaltos às Associações, como aconteceu recentemente no Técnico, Medicina e Farmácia; é o policiamento sistemático de habituais locais de reunião de estudantes, como por exemplo a cantina da Cidade Universitária (que além disso passou a estar encerrada fora das horas das refeições); é a própria presença da polícia dentro das Faculdades, de que são casos flagrantes o Técnico e Medicina do Porto.

Para o governo o esforço de impor a sua ordem nas escolas, de reduzir ao mínimo o movimento dos estudantes, não se traduz só pelas prisões, suspensões, intervenções policiais, gorilas - passa pelo encerramento e saque sistemático das nossas salas de reunião e trabalho e do aparelho técnico. Mas nenhuma destas medidas repressivas têm ficado sem resposta por parte dos estudantes; se, nuns casos as lutas estudantis tem forçado as autoridades a reconhecer na prática, os objectivos dessas lutas, outros há em que não temos saído vitoriosos.

Foi o que aconteceu também com a sala A. Face à importância que tinha de facto, como base de apoio de todo o trabalho associativo, o CE recorreu à polícia, às identificações, às suspensões.

PERANTE ESTA SITUAÇÃO, QUAL DEVERÁ SER A RESPOSTA DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO ÀS INSTALAÇÕES ASSOCIATIVAS?

Será correcto, por exemplo, tendo em consideração apenas que a ocupação das salas que nos pertencem é justa e que não reconhecemos como legítimo o seu roubo pelas autoridades, daí concluir que temos unicamente que tomar uma "posição de força" ocupando-as e a partir delas conseguir então um arranque do nosso trabalho?

Ou será correcto fazermos como alguns dirigentes associativos que "exigem" a devolução aos estudantes do que lhes foi roubado (e, claro, propõem formas de luta por esse objectivo) mas ficam-se por aí, correspondendo a sua posição a considerar que não é possível ao movimento associativo avançar até que essa "exigência" seja satisfeita?

Ambas as posições são erradas.

A primeira, pelo seu imediatismo, leva a acções que, não sendo acompanhadas pela grande maioria dos estudantes, não tendo atrás delas uma organização sólida que não se desmoroze com as manobras das autoridades, trazem como consequência o isolamento dos estudantes mais activos, as intervenções policiais, as suspensões e prisões sem que lhes possamos opor uma resposta eficaz, sem que consigamos evitar uma situação de maior fraqueza.

A segunda, porque coloca o desenvolvimento do trabalho a reboque do seu reconhecimento por parte das autoridades, só consegue tentar espalhar a ilusão de que será a formulação de exigências (e não, precisamente, o reforço do trabalho) que fará recuar os CEs e companhia. Esta perspectiva leva, por isso, a uma paragem do trabalho e traduz-se inevitavelmente por um atraso para o movimento.

Ambas as posições significam na prática o mesmo. Ambas "esquecem" que o governo, os CEs e todos os seus agentes, cada vez mais se empenharão em destruir a nossa organização e em privar-nos dos nossos locais de trabalho e convívio e não em reconhecer-nos o direito de os possuímos. Ao apontarem soluções que não conduzem a um reforço do movimento, antes o enfraquecem, acabam afinal por fazer o jogo das autoridades.

O QUE DEVEREMOS ENTÃO FAZER ?

Lançarmo-nos decididamente ao alargamento das Comissões de Curso e do seu trabalho, à intensificação do trabalho informativo, cultural, etc, à consolidação de uma organização que englobe um número cada vez maior de estudantes a participarem activamente em todo o trabalho, eis para onde devemos dirigir os nossos esforços. Este é aparentemente o caminho mais longo e mais difícil, mas é o único que nos permite opormo-nos com éxito às medidas repressivas que se exercem sobre nós.

Nós não devemos esquecer que a sala A nos pertence, que isso é justo e foi decidido colectivamente. Por isso é correcto que a ocupemos sempre que nos seja possível, sempre que aí precisemos de realizar RGAs, sessões culturais, reuniões de curso, etc. E porque pomos à frente de tudo a continuação do trabalho associativo, deveremos sempre que necessário utilizar as instalações da Faculdade.

Só faz sentido falar em lutar consequentemente pela sala A e por todas as instalações associativas que nos foram roubadas, se caminharmos para o nosso fortalecimento, se não ficarmos à espera de que as autoridades reconheçam o nosso direito a ocupá-las.

Esta é, parece-nos, a única posição correcta, a única que vê a questão das instalações em função do avanço do movimento e portanto dentro do espírito de uma verdadeira Associação. Esta é, por isso, a posição que os colaboradores das Comissões de Curso propõem e sujeitam à discussão e à provação de todos os seus colegas.

Outra dúvida que se poderá por é esta: não seria preferível deixar estas discussões para o período eleitoral, que se inicia agora, e tomar uma posição depois da aprovação de um Programa de Trabalhos ?

As eleições cujas características, como as vemos, vêm definidas no texto anterior, não são o início do trabalho associativo na nossa escola; não são um período em que o trabalho pára e após o qual, então sim, já podemos começar a tomar decisões sobre os nossos problemas.

É certo que há assuntos que, por não terem nunca sido discutidos, por não possuímos sobre eles uma experiência suficiente onde nos basear, seria errado levar de repente a uma RGA para logo ali aparecerem propostas, discutirmos e votarmos. Poderia nessa situação suceder que as nossas decisões não correspondessem a uma posição colectiva esclarecida e consciente.

Não é o que se passa, porém, no que diz respeito à questão das instalações (e, em particular, da sala A). Por nos surgir a cada momento este problema, porque o temos já discutido diversas vezes, porque possuímos uma experiência bastante útil (nomeadamente este ano) - é possível e correcto tomarmos, relativamente a ele, na RGA uma decisão que não signifique apenas a proposta com mais votos mas sim a posição esclarecida de todos nós.

CONTRA O AUMENTO DE PREÇOS DAS CANTINAS DOS S.S.

No dia 25 de Março, pela segunda vez este ano, foram aumentados os preços das refeições nas cantinas dos Serviços Sociais. Nesse dia na cidade Universitária, e no dia imediato em Ciências, os estudantes responderam a este aumento boicotando as bichas dos 12\$50 (onde este se tinha verificado).

Na Cantina da Cidade Universitária, cumprindo as decisões aprovadas em Meeting no dia 22, formaram-se piquetes junto aos balcões que asseguravam as refeições completas nos moldes antigos. Face a esta atitude de força dos estudantes, a polícia de choque invadiu por duas vezes o edifício expulsando os estudantes que abandonaram a cantina aos gritos de "assassinos" e "polícia fora da cantina".

No dia seguinte, saiu uma lista de estudantes suspensos da cantina. Mas não se intimidando com o aparato policial, os estudantes concentraram-se em frente ao edifício até que a polícia carregando sobre eles fez algumas prisões.

Até às férias, a greve à bicha manteve-se com poucos furos, enquanto dezenas de estudantes eram impedidos de entrar pelos bufos. Durante as férias e no início do 3º período, embora a greve não tenha sido formalmente levantada, aumentou o número de estudantes a comer na bicha dos 12\$50. Em Ciências, após decisão do Meeting, dia 26 e de RGA, dia 27, a greve à bicha tem-se mantido praticamente sem furos.

Durante o ano passado, e este ano, têm-se sucedido nas cantinas dos SS medidas que visam preparar o terreno para "acabar de vez com todos os actos subversivos" - entenda-se: coartar-nos toda a possibilidade de informação e reunião.

É assim que é impedida a entrada na cantina da CU aos estudantes do Técnico, que as cantinas são fechadas fora das horas das refeições, que são suspensos estudantes da cantina, enquanto bufos e polícias arrancam cartazes "às claras" e são postas a "funcionar" provocadores a fim de irem detectando os que reagem opondo-se às provocações, quem dá informações, quem distribui comunicados, etc.

(continua na pág 7)

ELEIÇÕES EM CIÊNCIAS (continuação)

derá ser feita e esses colegas deverão preocupar-se em não se limitar a criticar por criticar, a discutir por discutir, mas deverão deixar clara a posição que defendem: o que eles contrapõem a tudo o que foi feito no geral e em cada caso específico.

Para que o resultado das eleições signifique a posição dos estudantes da nossa escola, todos nós nos devemos pronunciar e deverão chegar a cada ano, a cada curso, as críticas e sugestões feitas ou dadas em todos os outros anos, turmas ou cursos. Só assim se conseguirá uma verdadeira democracia no processo eleitoral.

Por isso todos devemos estar atentos à saída de textos ou ao aparecimento de placards que informarão dessas discussões, participando efectivamente na crítica ao que foi feito, no delinear do que há a fazer.

CONTRA O AUMENTO DE PREÇOS DAS CANTINAS (continuação)

Foi acompanhando todas estas medidas de militarização e, talvez para poder pagar aos contínuos-bufos e à polícia, que os Serviços Sociais aumentaram os preços das refeições por duas vezes desde o início do ano.

Enquanto a direcção (reformista) da CPA de Medicina se identifica com o Governo e a Frente Universitária ao apelidar os estudantes de "arruaceiros" quando estes manifestaram o seu ódio aos SS apedrejando a cantina nova da Cidade Universitária, enquanto certos charlatães querem fazer-nos crer que a nossa luta é a mesma que a luta do Povo pelo Pão(!), a grande maioria dos estudantes tem vindo a apoiar e a compreender cada vez melhor o verdadeiro significado desta luta.

Na verdade, a nossa luta contra o aumento de preços e pela liberdade de informação e reunião nas cantinas é justa.

No entanto, não a devemos comparar com a luta do Povo pelo Pão só pelo facto de ela ser contra a subida de preços. Pois não é sobre as classes trabalhadoras (e não sobre nós, estudantes) que recai o vertiginoso aumento do custo de vida? Não é o Povo (e não nós) que sente diariamente na pele a opressão a que é sujeito pelos capitalistas, que pagam o seu trabalho a salários de fome?

De facto, se por exemplo as cantinas associativas fossem obrigadas a subir os preços, por falta de subsidios, seria correcto lutarmos contra isso?

Os "nossos charlatães" claro que a si próprios não põem essas questões. E por isso chegam ao ponto de defender posições como esta.